

O ELIXIR, O DUPLO E OS ASPECTOS DA MORTALIDADE EM ‘O IMORTAL MORTAL’, DE MARY SHELLEY, E ‘O ESTRANHO CASO DO DR. JEKYLL E MR. HYDE’, DE ROBERT LOUIS STEVENSON

THE ELIXIR, THE DOPPELGÄNGER AND THE MORTALITY ASPECTS IN “THE MORTAL IMMORTAL”, BY MARY SHELLEY AND THE STRANGE CASE OF DR. JEKYLL AND MR. HYDE, BY ROBERT LOUIS STEVENSON

Mayara Cristina Bignani Silva¹
Graduada em Letras

Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, Campus Guarulhos, EFLCH.
(bignani.mayara@gmail.com)

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar e comparar a questão do duplo nas personagens principais do conto “O Imortal Mortal” (1833/2006), de Mary Shelley e da novela **O Estranho Caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde** (1886/2011), de Robert Louis Stevenson. A análise mostra que o duplo ocorre antes e depois da ingestão do elixir, bebida criada através de um processo alquímico, ou seja, através do uso da magia. O artigo também procura explicitar os aspectos da mortalidade das personagens, apontando para o fato de que, apesar de divergências na forma como ocorre, e também nas consequências vividas pelas personagens, ambas terão um final semelhante.

Palavras-chave: Elixir; Duplo; Personalidade; Morte; Literatura Fantástica

ABSTRACT: This article aims to analyze and compare the question of the *doppelgänger* in the characters from the short story "The Mortal Immortal" (1833/2006), by Mary Shelley, and the novella *The Strange Case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* (1886/2011), by Robert Louis Stevenson. The analysis shows that the *doppelgänger* occurs before and after the ingestion of the elixir, a beverage created through an alchemical process, in other words, through the use of magic. The article also seeks to clarify aspects of the mortality of the characters, showing that, despite the differences related to how they occur, and also the consequences experienced by the characters, both of them will undergo a similar ending.

Keywords: Elixir; Doppelgänger; Personality; Death; Fantastic literature

Introdução

O presente artigo procura analisar e comparar a questão do duplo nas personagens e os aspectos da morte e da imortalidade após a ingestão do elixir, no conto “O Imortal Mortal” (1833/2006), de Mary Shelley e na novela **O Estranho Caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde** (1886/2011), de Robert Louis Stevenson.

Ambas as narrativas são pertencentes ao romantismo gótico de língua inglesa, e também pertencem ao universo fantástico, tendo entre elas uma diferença de publicação de apenas cinquenta e três anos. Mostraremos como se dá o fenômeno do duplo em dois momentos distintos das narrativas, o que acontece e o

¹ Mestranda em Letras – Estudos Literários

que provoca nas personagens. Essa análise será feita através de um aporte teórico que, ao mesmo tempo, remete-se à literatura fantástica como a aspectos psicanalíticos. Sendo assim, serão levados em consideração Freud (1919), Jung (1934/1971/2008), Furtado (1980), Ceserani (2004/2006), Jeha (2007) e Rôas (2014).

A literatura fantástica teve seu auge no século XIX, o século da racionalidade, e trouxe uma forte crítica entre os autores inseridos nesse modo literário, os quais procuraram estabelecer, com o leitor, experiências inquietantes. Em relação a isso, Ceserani (2006) afirma,

[...] o fantástico surge de preferência considerado não como um gênero, mas como um “modo” literário, que teve raízes históricas precisas e se situou historicamente em alguns gêneros e subgêneros, mas que pôde ser utilizado – e continua a ser, com maior ou menos evidência ou capacidade criativa – em obras pertencentes a gêneros muito diversos. [...] Porém, há uma precisa tradição textual, vivíssima na primeira metade do século XIX, que continuou também na segunda metade e em todo o século seguinte, na qual o modo fantástico é usado para organizar a estrutura fundamental da representação e para transmitir de maneira forte e original experiências inquietantes à mente do leitor. (CESERANI, 2006, p. 12)

O Fantástico tem como principais características a hesitação e ambiguidade que a narrativa desperta em seus leitores. De acordo com os teóricos como Todorov (1970/2008), Ceserani (op.cit.) ou Furtado (1980), o leitor, durante a narrativa, fica suspenso em relação à realidade objetiva: hesita entre crer e desconfiar durante a leitura. Além disso, a construção de uma narrativa insólita normalmente não contém espaço e tempo definidos; porém, normalmente, tem presente um narrador não confiável que muitas vezes parece estar sonolento ou sob efeito de alguma substância que deturpa seus sentidos a ponto de fazê-lo transmitir, para o leitor, uma constante incerteza sobre os eventos narrados. A literatura fantástica abarca diversos prismas temáticos, como diz Furtado:

De facto, a essência do fantástico reside na sua capacidade de expressar o sobrenatural de uma forma convincente e de manter uma constante e nunca resolvida dialéctica entre ele e o mundo natural em que imrompe, sem que o texto alguma vez explicita se aceita ou exclui inteiramente a existência de qualquer deles. Em consequência, a primeira condição para que o fantástico seja construído é a de o discurso evocar a fenomenologia meta-empírica de uma forma ambígua e manter até ao fim uma total indefinição

perante ela. De contrário, não poderão ter lugar as restantes fases de consolidação do gênero nem será assegurada a manutenção do delicado equilíbrio que pressupõe. (FURTADO, 1980, p. 36)

É importante salientar que o fantástico tem sido visto como um modo repleto de definições, pois temos, dentro dele, uma gama de correntes teóricas e vertentes. Ao contrário do que pensam Todorov, Ceserani ou Furtado, ao falarem de suspensão da realidade objetiva, David Rôas, tece sua definição afirmando que o fantástico

[...] nutre-se do real, é profundamente realista, porque sempre oferece uma transgressão dos parâmetros que regem a ideia de realidade do leitor. Para conseguir esse feito, é necessário estabelecer, em primeiro lugar, uma identidade entre o mundo ficcional e a realidade extratextual. Mas não basta reproduzir no texto o funcionamento físico dessa realidade, que é condição indispensável para produzir o efeito fantástico; é preciso que o espaço da ficção seja uma duplicação do âmbito cotidiano em que está situado o leitor. Ele deve reconhecer e se reconhecer no espaço representado pelo texto. Por isso o fantástico é inquietante, constitui uma subversão do nosso mundo. (RÔAS, 2014, p. 24)

A narrativa fantástica propõe-se a colocar o leitor em um espaço claro de reflexão sobre sua realidade, ou seja, de acordo com Rôas, não podemos negar a importância do contexto sócio cultural da produção das obras pertencentes ao modo fantástico, pois “precisamos contrastar o fenômeno natural com nossa concepção do real para poder qualificá-lo de fantástico.” (RÔAS, 2014, p. 39). Por isso o leitor é fundamental neste modo literário, pois é através de suas concepções do real que podemos compreender o fantástico. Como afirma Rôas (2014, p. 46), “o fantástico, portanto, vai depender sempre do que considerarmos real, e o real depende diretamente daquilo que conhecemos.” Ainda de acordo com isso, vale ressaltar que,

O mundo da narrativa fantástica [...] sempre é o nosso mundo. Nossa ideia de realidade atua como contraponto, como contraste para fenômenos cuja presença impossível problematiza a ordem precária em que fingimos viver mais ou menos tranquilos. (RÔAS, 2014, p.187)

Outro aspecto bastante recorrente dentro da literatura fantástica é a temática do duplo, como pode ser visto em Ceserani:

O desdobramento, gêmeos e sosias, a duplicidade de cada personalidade, tudo isso é tema antigo, já muito desenvolvido no teatro, seja no trágico ou no cômico, mas também nas narrativas de todos os tempos. Entretanto, no fantástico, o tema é fortemente interiorizado, e ligado à vida da consciência, das suas fixações e projeções. O tema, nos textos fantásticos, se torna mais complexo e se enriquece, por meio de uma profunda aplicação dos motivos do retrato, do espelho, das muitas refrações da imagem humana, da duplicação obscura que cada indivíduo joga para trás de si, na sua sombra. (CESERANI, 2004/2006, p. 83)

O duplo, dentro das narrativas, aparece através da dicotomia entre o eu e do outro, presente fortemente na teoria junguiana, que nos revela como todos os indivíduos têm dentro de si mesmos duas “personalidades” conflitantes entre si, uma boa e outra ruim, o que realça que todos os seres humanos são dotados tanto de bondade como de monstrosidade. Jung (1934/1971/2008) afirma que encontramos na psique todas as virtudes e os vícios da humanidade: enquanto uns exaltam apenas suas qualidades, outros exaltam seus defeitos. Através da necessidade de sermos bons, inconscientemente reprimimos o mal; a bondade e a maldade são provenientes do inconsciente coletivo, e desta forma a humanidade procura sempre reprimir o mal; o indivíduo então, quando compreende a repressão, desenvolve sua personalidade própria.

A contradição só aparece quando começa o desenvolvimento pessoal da psique e quando a razão descobre a natureza irreconciliável dos opostos. A consequência desta descoberta é o conflito da repressão. Queremos ser bons e portanto devemos reprimir o mal; e com isto, o paraíso da psique coletiva chega ao fim. A repressão da psique coletiva foi uma condição necessária para o desenvolvimento da personalidade. (JUNG, 1934/1971/2008, p. 24)

Contudo, Jung não é o único a discorrer sobre esse assunto; Freud, em seu ensaio “O Estranho” (1919), teoriza sobre as relações do indivíduo com si próprio, ou a relação de duplicidade psíquica do homem, afirmando que,

[e]ssa relação é acentuada por processos mentais que saltam de um para outro desses personagens - pelo que chamaríamos telepatia -, de modo que um possui conhecimento, sentimento e experiência em comum com o outro. Ou é marcada pelo fato de que o sujeito identifica-se com outra pessoa, de tal forma que fica em dúvida sobre quem é o seu eu (*self*), ou substitui o seu próprio eu (*self*) por um estranho. Em outras palavras, há uma duplicação, divisão e intercâmbio do eu (*self*). E, finalmente, há o retorno constante da mesma coisa - a repetição dos mesmos aspectos, ou características, ou vicissitudes, dos mesmos crimes, ou até dos mesmos nomes,

através das diversas gerações que se sucedem.” (FREUD, 1919, p. 15)

Nas narrativas aqui contempladas, o que provoca o desencadeamento da duplicidade é a presença do elixir que as personagens ingerem, substância mágica cujos poderes eram manipulados por alquimistas adeptos da filosofia Rosa Crucis, que transmitia diversos ensinamentos místicos aos seus iniciados, os quais trabalhavam com magia, filosofia, química, matemática e religião. A alquimia pode ser chamada de a arte da transmutação: enquanto uns se preocupavam em criar ouro, outros estavam preocupados com a transmutação do caráter humano; ou seja, a alquimia se refere à lenda da pedra filosofal ou do elixir da vida eterna. No entanto, no caso da novela de Stevenson e do conto de Shelley, o *elixir vitae* se torna *tedium vitae*, na medida em que a vida eterna se torna entediante, não havendo nada mais a ser aproveitado ao seu máximo. Com isso, a personagem em ambos os casos sempre está em busca de conhecimentos ocultos e poções da vida eterna; com o desenvolver de sua vida, a personagem perde a sua vontade de viver intensamente, pois tudo se torna semelhante, e é entediante.

Dos autores e das narrativas

Mary Wollstonecraft Godwin Shelley, autora de “O Imortal Mortal”, nasceu em 1797, e morreu em 1851, em Londres. A escritora britânica Mary Shelley, filha do filósofo William Godwin e da pedagoga Mary Wollstonecraft, proveniente de uma família muito instruída e de pais com ideais iluministas, e esposa do poeta Percy Bysshe Shelley. Com tantas influências, Shelley se mostrou uma autora muito crítica, mais conhecida por sua novela *Frankenstein ou O Prometeu Moderno* (1818), entretanto sendo também contista, biógrafa e ensaísta. Em suas obras, Shelley defendia seus ideais liberais e feministas, como também mostrava uma crítica à ciência através da alquimia.

Mary Shelley deixou também escrito um conto ligado ao universo fantástico de medo e horror, “O Imortal Mortal”, conto com um tema comum na época, a alquimia, prática antiga que combinava elementos mágicos, químicos, matemáticos, entre outros. O conto é escrito em forma de carta, pertencendo assim ao gênero epistolar. Notamos, nessa narrativa, a presença de primeira pessoa; no entanto, não temos muitas informações sobre esse narrador, a não ser o nome,

Winzy. Esse caráter de indefinição na narrativa e de suspensão da realidade objetiva faz parte da premissa básica das narrativas fantásticas. O narrador nos deixa claro que as informações que recebemos em seu relato são vistas através de seu próprio ponto de vista.

É importante ressaltar que essa relação de ambiguidade do narrador é outra particularidade da literatura fantástica, como diz Furtado:

... O narrador mais comum no gênero é, como se acentuou antes, aquele que coincide com uma personagem. Trata-se, portanto, de uma figura com dupla incumbência, de um narrador actor, que na maioria das vezes coincide com um comparsa e não propriamente com o protagonista. [...] O sujeito da enunciação está, por conseqüência, presente na história como uma personagem cuja importância pode variar de texto para texto, exprimindo-se na primeira pessoa e recorrendo por vezes a uma narração baseada em (ou constante de) diversos tipos de documentos fictícios, como as memórias, o diário íntimo, as cartas e outros. Contudo, embora o uso destes processos noutros gêneros vise em geral acentuar a subjetividade das personagens, intensificando e aprofundando a sua caracterização psicológica, no fantástico eles actuam preferencialmente como apoios para a confirmação da fenomenologia meta-empírica, tentando conferir-lhe credibilidade pela feição testemunhal que aparentam assumir. (FURTADO, 1980, p. 110)

No conto “O Imortal Mortal”, temos logo no início, através de uma carta, a história narrada em primeira pessoa e a descrição de como a personagem principal teve contato com o elixir. Trata-se da história de Winzy, discípulo do alquimista Cornélio Agripa, personagem real dentro da ficção, o que dá efeito de realismo ou verossimilhança à obra, e assim, faz o leitor crer no que está sendo narrado, como se verdade fosse, como Rôas (2014) afirma, os eventos narrados suscitam no leitor maior impacto através do realismo do modo fantástico, realismo esse marcado nesse conto, pela presença de um personagem histórico, ou seja, real. No entanto, no que se refere ao tempo e espaço temos, como afirma Ceserani (2006), uma suspensão da realidade objetiva através da falta de definição no relato de Winzy; apesar da carta ter uma data, não temos a comprovação de que esse dado é verdadeiro, ou seja, como confiar nesse tempo? Temos apenas o que afirma o narrador: “Contarei minha história, e o leitor julgará por mim. Contarei minha história e, assim, conseguirei passar algumas horas de uma longa eternidade, que se tornou tão cansativa para mim” (SHELLEY, 1833/2006, p. 211).

Quando Winzy tem uma desilusão amorosa e Cornélio diz a ele que a poção servia para curar o amor, o discípulo fica encantado com o poder do elixir e a possibilidade de ser curado de seu mal e o toma sem saber que, na realidade, seria um elixir da vida eterna. Mesmo assim, após esse fato, ele se casa com seu amor de juventude, o tempo passa para ela, mas para ele não, o que cria ciúmes da amada, e um egoísmo interiorizado em Winzy. Ele percebe que não envelhece, mas se automanipula a crer que o elixir apenas retarda seu envelhecimento, e não acredita que poderia ser, de fato, imortal.

Com o passar do tempo, Winzy vai se tornando entediado com sua realidade, desejando, ao mesmo tempo, viver intensamente e morrer; o eu, que era antes desejoso de amor e mortal, torna-se narcísico e imortal. No fim da carta, Winzy afirma que resolve fazer uma viagem em busca de aventura, pois apenas assim poderá testar sua imortalidade (a personagem ainda confia na possibilidade de ser mortal; apesar de ter a aparência de uma pessoa de 20 e poucos anos, tem mais de 300 anos).

Robert Louis Stevenson, autor de **O Estranho Caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde**, nasceu em 1850 em Edimburgo, Escócia, e morreu em 1894, nas Ilhas Samoa. Ele foi novelista, poeta e ensaísta, tendo uma vida literária muito produtiva, e alcançou seu maior sucesso com a novela **O Estranho Caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde**, que ficou reconhecida mundialmente. Essa história, por sua popularidade, acabou por criar a expressão “o médico e o monstro”, que é usada para indicar quando uma pessoa muda moralmente sua forma de agir diante de acontecimentos diferentes, ou seja, alguém que demonstra ter múltiplas personalidades.

O Estranho Caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde considerada uma história de horror, foi publicada em 1886. Essa novela se inicia com mistério e investigação, o que se prolonga até o fim com uma grande revelação. Pertence ao gênero epistolar, pois é criada por intermédio de bilhetes, cartas, testamentos e confissões. Apesar de o protagonista ser o “investigador” /advogado Mr. Utterson, o antagonista Dr. Jekyll/Mr. Hyde é o grande mistério e personagem central desta trama.

É possível notar que, o autor faz uso da premissa de autoridade e seriedade da imagem do advogado, transmitindo ao leitor uma impressão de verossimilhança com relação à realidade objetiva. Em contraposição a isso, percebemos, de forma semelhante ao conto de Shelley, tempo e espaço pouco

definidos. Isso é apresentado nos espaços sombrios em meio à noite com poucas testemunhas, nos espaços fechados como os escritórios e laboratórios; as poucas informações sobre espaço e tempo restringem-se ao fato de que a novela ocorre em Londres, no período de alguns anos no início do século dezenove. Não temos, nessa narrativa, apenas um ponto de vista, mas sim histórias contadas por diversos personagens sobre um mesmo personagem, Mr. Hyde, que descobrimos ter outra personalidade, um **alter ego** de Dr. Jekyll.

Em **O Estranho Caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde**, a personagem alquimista, Dr. Jekyll, cria o próprio elixir (feito mais tarde confessado, através de uma carta). Quando Dr. Jekyll toma o elixir, de fato, procura se transformar em Hyde, uma figura horrenda, que teoricamente fosse o oposto de sua personalidade, até mesmo em termos de sua figura física. No desenrolar da novela, Dr. Jekyll metamorfoseado em Mr. Hyde comete diversos crimes, tais como agressões e assassinatos; entretanto, Jekyll percebe seu vício em relação ao elixir e a Hyde. Todavia, quando decide não se transformar mais em Hyde, é tarde demais: sua metamorfose já havia se tornado involuntária, pois Hyde já havia se tornado mais forte que Jekyll.

No fim da novela, Jekyll perde o controle de toda a maldade de Hyde e de seus próprios atos. A descoberta de si mesmo se torna assustadora, mas ele não consegue encontrar os ingredientes necessários para voltar a ser quem era antes de tomar o elixir. Afinal, a cada mudança Hyde fica mais forte que o próprio Jekyll. Em sua última transformação, em um ato de desespero, ainda sob a forma de Hyde, a personagem se autoaniquila.

O Elixir nas narrativas e a questão da monstruosidade

O elixir é compreendido como o objeto unificador das duas narrativas e é através dele que ocorrem as mudanças de personalidade, sendo elas de formas distintas, e ao mesmo tempo, similares em alguns aspectos; como foi mencionado anteriormente, as formas de transformação são diferentes.

Winzy ingere o elixir da vida eterna acreditando ser a cura para o amor, e a substância o transforma em imortal, assim alterando sua personalidade, mas não sua figura física, pois ainda permanece com a aparência de um jovem de 20 e poucos anos. A alteração se dá apenas psicologicamente: antes do elixir a

personagem era apaixonada, muito pobre e tinha muito medo das histórias sobre seu mentor Cornélio Agripa; após ingerir o líquido, a personagem torna-se narcísica, encantada com sua figura e juventude, e desejosa de uma vida sem restrições.

Por outro lado, Dr. Jekyll cria seu próprio elixir exatamente para alterar sua figura física e, assim, poder viver sem restrições. Enquanto Jekyll, demonstra ser uma figura pública cheia de qualidades, uma pessoa generosa e que só reluzia bondade; quando transformado em Hyde, era apenas maldade, uma figura horrenda. Uma vez que,

... o bem reluzia na fisionomia de um, o mal estava escrito de modo claro e inequívoco no rosto do outro. O mal, além disso, (que eu ainda creio ser o lado letal de todo ser humano), imprimira sobre aquele corpo uma aura de deformação e de decadência. E, no entanto quando eu contemplava aquele feio ídolo no espelho, não experimentava nenhum tipo de repugnância, e sim um impulso de boas vindas. Porque aquele, também, era eu mesmo. Parecia-me natural e humano. Aos meus olhos encarnava uma imagem mais vívida do meu espírito, parecia-me mais precisa e mais única do que a aparência imperfeita e dividida que eu até então me acostumara a considerar minha. E neste aspecto eu estava certo, sem dúvida. Vim a perceber que quando eu assumia a aparência de Hyde, ninguém era capaz de se aproximar de mim sem experimentar uma visível repulsa física. Isto, imagino, se devia ao fato de que todos os seres humanos que conhecemos são um misto do bem e do mal; e Edward Hyde era o único nas fileiras da humanidade a ser feito do mal em estado puro. (STEVENSON, 1886/2011, p. 89-90)

Percebe-se então que, em ambas as narrativas, as personagens alteram sua personalidade através da ingestão do elixir, sendo uma pessoa antes do elixir e transformando-se em outra após a ingestão da poção mágica. Assim, podemos perceber que temos dois aspectos da presença do duplo nas narrativas: por um lado, temos a contraposição entre o antes e o depois da ingestão do elixir; por outro lado, vemos como o elixir causa a mudança interior das personagens, o que acaba revelando seus desejos mais profundos e secretos.

Após a ingestão do elixir, Winzy passa a viver em constante conflito, pois, durante os fatos narrados no conto, demonstra, em várias ocasiões, a necessidade de viver intensamente, o que o seu amor e respeito pela velhice de Bertha o impedem de fazer no começo da narrativa. Conforme o tempo passa e com o falecimento de Bertha, todas as suas vontades são realizadas; no entanto, a satisfação e o desejo de viver intensamente tornam sua vida tediosa e acabam

suscitando questionamentos sobre sua mortalidade, o que o incomoda profundamente. Posteriormente a essa etapa, ele passa a desejar sua morte já que a imortalidade é um fardo a ser carregado. Contudo, não tem coragem de extirpar sua própria vida de forma explícita; Winzy prefere enfrentar, então, aventuras as quais um homem mortal não poderia suportar; isso pode ser visto em sua carta:

Hoje mesmo concebi um projeto pelo qual posso terminar tudo – sem automassacre, sem transformar outro homem num Caim - : uma expedição a que um corpo mortal não pode sobreviver, mesmo dotado da juventude e da força que habitam o meu. Assim, vou colocar à prova minha imortalidade e descansar para sempre – ou voltar como maravilha e benfeitor da espécie humana. (SHELLEY, 1833/2006, p. 223)

Em *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*, a vivência também é conflituosa: apesar de Jekyll viver intensamente, cometendo todos os tipos de delitos e tendo todos os prazeres que deseja, e de estar completamente satisfeito com isso, ele não percebe como Hyde começa a se tornar mais forte que ele, até o momento em que a metamorfose ocorre por si só. O vício de se transmutar em Hyde é tão grande que, quando Jekyll decide nunca mais se metamorfosear, Hyde já toma suas próprias decisões; tal vício se transforma em uma busca constante por ingredientes para a produção de um antídoto que pudesse criar uma reversão em Dr. Jekyll. Entretanto, não há mais tempo para isso, pois Hyde agora já é forte o suficiente para controlar sua metamorfose com autonomia. Em um ato desesperado, sendo desejoso da morte, pois ela agora é a única saída, Dr. Jekyll consegue suicidar-se na forma de Hyde.

A questão da monstruosidade é discutida por Jeha (2007). O crítico discorre sobre as modalidades do mal, cujas especificações podem ser relacionadas e identificadas com as narrativas aqui analisadas. Para o autor o mal é dividido em três categorias: o moral, o metafísico e o físico. O mal físico é aquele que prejudica o bem estar físico e mental do indivíduo, como as doenças, a pobreza, opressão, neuroses e distúrbios psicológicos; o mal metafísico é relacionado à morte, já que todos os seres vivos são destinados a esse mal; portanto, seguindo Jeha, não pode ser considerado propriamente um mal. Já o mal moral se contrapõe aos outros dois, como diz Jeha (2007):

Ao contrário de suas contrapartes física e metafísica, o mal moral parece estar claramente definido. Ele consiste na desordem da vontade humana, quando a volição se desvia da ordem moral livre e conscientemente. Vícios, pecados e crimes são exemplos de mal moral. Enquanto o mal físico é sempre sofrido, quer ele afete nossa mente ou nosso corpo, o mal moral surge quando, livre e conscientemente, infligimos sofrimento nos outros. Para que esse tipo de mal possa ocorrer, o agente tem de se decidir a abandonar sua integridade moral; assim, ele afeta tanto a vítima quanto o agente. (JEHA, 2007, s/p)

Pode-se considerar que Winzy sofre do mal metafísico, pois o mal é o que impede o ser humano de atingir sua perfeição. Mesmo Winzy sendo imortal, teoricamente, e já tendo mais de 300 anos, ele ainda não conseguiu alcançar todos os seus desejos. Entretanto, nesse momento o seu único desejo é a morte, e esse fato é algo que nem Winzy pode saber se é alcançável para si. Contudo, a personagem também sofre do mal físico, pois este afeta a sua saúde mental e o deixa neurótico.

No caso da narrativa de Stevenson, pode-se dizer que o mal é moral e físico, na medida em que se limita às ações do indivíduo. Ao partir de uma escolha livre e consciente, o mal moral se torna tão profundo em Jekyll que acaba por transformá-lo em monstro; conseqüentemente, a monstruosidade é a própria representação do mal.

Para concluir, ainda nos referindo a Jekyll, notamos então a mudança de personalidade nas duas narrativas e como elas se deram de formas diferentes. Entretanto, é importante salientar que o elixir não é o único ponto de encontro das narrativas: outro aspecto que pode ser percebido é o fato de os dois personagens centrais encararem a mudança, mas não refutá-la. Eles aceitam as mudanças de personalidade como sendo parte integrante de quem são internamente. Por exemplo, o lado narcísico de Winzy só se tornou mais visível após o elixir, na medida em que o amor que sentia por Bertha inicialmente o mascarava; em Jekyll, como ele diz em sua confissão, Hyde era parte dele, um outro dentro de si mesmo, ou seja, os dois personagens liberam duplos ou duplicatas de si através do elixir. Contudo, no caso de Jekyll, com o passar do tempo, a personagem se arrepende da criação de seu **alter ego**, Mr. Hyde

Outra questão importante é o aspecto relacionado à mortalidade. Ambas as personagens são ávidas de uma vida sem restrições e, ao mesmo tempo,

desejosas da morte. Primeiramente, como foi afirmado anteriormente, Winzy não teria coragem de tirar sua vida explícita ou desesperadamente, assim como Jekyll/Hyde o fez. Entretanto, é preciso notar que, apesar da possibilidade de morte em Winzy ser menos óbvia, ainda sim a partida para essa viagem é suicida, pois a busca incessante por aventuras demonstra o quão nítidas são suas intenções perante a morte. Logo, temos como outra particularidade em comum não só o desejo da morte das personagens, mas a forma como elas morrem, uma vez que ambas escolhem o suicídio de uma maneira ou outra.

Considerações finais

Retomando o que foi mencionado anteriormente, ambos os autores pertencem ao romantismo gótico de língua inglesa, e, assim, também, ao modo fantástico. Shelley e Stevenson, inseridos no mesmo modo literário, apresentam um diálogo intertextual entre suas obras. Desta forma, a análise comparativa entre as narrativas permite levantar várias semelhanças e divergências entre “O Imortal Mortal”, de Mary Shelley e **O Estranho Caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde**, de Robert L. Stevenson.

A primeira similitude notável é a questão da duplicidade, relacionada à mudança de personalidade das personagens, que revelam um “eu” anterior à ingestão do elixir e “outro eu” posteriormente à tal ingestão. Uma personagem se torna narcísica, no caso de Winzy; a outra se metamorfoseia em Mr. Hyde, um “outro eu” totalmente agressivo e brutal, oposto a Dr. Jekyll. Portanto, a ingestão do elixir e a mudança de personalidade acarretam a transformação monstruosa das personagens; mesmo ocorrendo de formas diferentes, como analisado anteriormente, ambas sofrem a transformação, física e/ou moral.

Por fim, outra etapa em que se nota a paridade das narrativas é o aspecto da mortalidade, no sentido em que as personagens desejam viver intensamente e sem restrições, e, paradoxalmente, anseiam pela chegada da morte, indo, então, ao encontro do suicídio. Portanto, ainda que de formas distintas, a busca pela morte se torna a mesma, pois a escolha pela forma do suicídio é idêntica em ambas as narrativas.

Referências

CESERANI, R. **O fantástico**. Trad. Nilton Cezar Tripadalli. Londrina: Editora UFPR. 2006. 158 p.

FREUD, S. “O Estranho.” 1919. Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/39077527/Freud-o-Estranho>>. Acesso em: 16/02/2015.

FURTADO, F. **A construção do fantástico na narrativa**. Lisboa: Livros Horizonte, 1980. 151 p.

JEHA, J. “Monstros como metáforas do mal.” In: JEHA, Julio (org.). **Monstros e monstruosidades na literatura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007. p. 9-31.

JUNG, C. G. **O eu e o inconsciente**. 1934. Trad. Dora Ferreira da Silva. Petrópolis: Editora Vozes, 1971/2008. 166 p.

RÔAS, D. **A Ameaça do Fantástico: aproximações teóricas**. Tradução Julián Fucks. São Paulo: Editora Unesp, 2014. 215 p.

ROBERTS, M. “Mary Shelley: Immortality, Gender and the Rosy Cross.” Disponível em: <<http://knarf.english.upenn.edu/Articles/robertsm.html>>. Acesso em: 16/02/2015.

SHELLEY, M. W. “O Imortal Mortal”. Trad. Augusto Alencastro. **Os melhores contos fantásticos**. Botafogo: Editora Nova Fronteira, 2006. p. 211 – 223.

STEVENSON, R. L. **O Estranho Caso do Dr. Jekyll e Mr. Hyde**. Trad. Braulio Tavares. São Paulo: Editora Hedra, 2011. 170 p.

TODOROV, T. **Introdução à literatura fantástica**. Trad. Maria Clara Correa Castelo. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1970/ 2008. 192 p.

WRIGHT, D. L. “The prison house of my disposition: A study of the psychology of addiction in Dr. Jekyll and Mr. Hyde”. **Studies in the Novel**. p. 254. Fall94, Vol. 26 Issue 3. Disponível em: <<http://mural.uv.es/agipe/psychologicalstudyjekyll.html>>. Acesso em: 16/02/2015.

Recebido em 21 de fevereiro de 2015
Aprovado em 22 de maio de 2015